

Angélique Cottin

A 15 de janeiro de 1846, uma jovem de quatorze anos de idade, chamada Angélique Cottin, costurava em sua casa de Bouvigny (Orne), quando a mesinha colocada a seu lado começou a se movimentar sem causa aparente. No dia seguinte, foi a vez de uma pesada colméia e durante algumas semanas a simples presença de Angélique parecia imprimir aos objetos mais diversos movimentos mais extravagantes e menos explicáveis. Levaram a mocinha ao padre que, desconfiando tratar-se de trapaça ou do caráter natural dos fenômenos, recusou-se exorcizá-la. Médicos da cidade vizinha, Mamers, observaram a adolescente: uns declararam-se convencidos da autenticidade dos fatos, outros suspeitaram uma fraude. Assim, o doutor Verger declarou: "Vimos muito bem os efeitos à distância, isto é, pelo simples contacto seja de um fio de seda ou do avental de Angélique, seja da barra de sua saia; a mesinha ao qual o fio estava preso foi bruscamente revirada, malgrado sua resistência. A mocinha parecia irresistivelmente arrastada pelos objetos que fugiam dela¹", enquanto que alguns dos seus confrades afirmavam tratar-se de impostura. Notemos que os deslocamentos e as levitações "à distância" exigem entretanto um contacto físico da moça e que esse contacto, conforme uma ambigüidade corrente nesses ambientes, pode ser necessário à condução de um "fluido" ou ao funcionamento de uma aparelhagem fraudulenta. Em fevereiro de 1846, a fim de deslindar o enigma, enviaram Angélique a Paris. O Dr. Tanchou examina-a em primeiro lugar e afirma estar em presença de fenômenos autênticos. Depois Arago dá sua colaboração e a 1.º de março o DT. Tanchou se retrata, afirmando ter dúvidas quanto à honestidade da mocinha. Nomeia-se, enfim, uma comissão da Academia de Ciências a qual publica o relatório seguinte que acreditamos útil citar in extenso:

"Na sessão de 16 de fevereiro último, a Academia recebeu do Sr. Cholet e do Dr. Tanchou duas notas relativas a faculdades extraordinárias que, tinham-se desenvolvido, há mais ou menos um mês, numa rapariga do departamento de Orne, Angélique Cottin, de quatorze anos de idade. A Academia, de acordo com seus usos, encarregou uma comissão de examinar os fatos enunciados e de comunicar-lhe os resultados. Vamos, em poucas palavras, desincumbir-nos desse dever.

Tinham assegurado que a Srta. Cottin exercia uma ação repulsiva muito intensa sobre os corpos de qualquer natureza, desde o momento em que uma parte qualquer de suas vestes estivesse em contacto com eles: falava-se mesmo de mesinhas reviradas com a ajuda do simples contacto de um fio de seda. Nenhum efeito apreciável desse gênero manifestou-se perante a comissão.

Nas relações comunicadas à Academia, faz-se referência a uma agulha imantada que, sob influência do braço da rapariga fez rápidas oscilações para fixar-se, depois, muito longe do meridiano magnético. Sob os olhos da comissão, uma agulha delicadamente suspensa não acusou, nas mesmas circunstâncias, nem deslocamento permanente, nem deslocamento momentâneo.

¹ Citado por Louis Figuier, *Histoire du merveilleux dans les temps modernes*, t. IV, Paris, Hachette, 1861, pág. 172.

O Dr. Tanchou acreditava que a Srta. Cottin tinha a faculdade de distinguir num ímã o pólo norte do pólo sul simplesmente tocando esses dois pólos com os dedos.

A comissão assegurou-se, por experiências variadas e numerosas, que a rapariga não possui a pretensa faculdade que lhe atribuíram de distinguir pelo tato o pólo dos imãs.

A comissão não levará mais adiante a enumeração de suas tentativas falhadas. Contentar-se-á em declarar, terminando, que o único fato anunciado que se realizou diante dela é o dos movimentos bruscos e violentos experimentados pelas cadeiras sobre as quais a rapariga assentou-se. Sérias suspeitas tendo sido levantadas sobre a maneira como esses movimentos se operavam, a comissão decidiu submetê-los a um exame atento.

Anunciou, sem delongas, que as pesquisas tenderiam a descobrir a parte que certas manobras hábeis e ocultas dos pés e mãos podiam ter sido feitas no fato observado. A partir deste momento, foi-nos declarado (pelo Sr. Cholet) que a rapariga tinha perdido suas faculdades atrativas e repulsivas e que nós seríamos avisados assim que elas se reproduzissem. Muitos dias se passaram desde então, e a comissão não recebeu nenhum aviso. Sabemos, no entanto, que a Srta. Angélique Cottin é diàriamente conduzida aos salões onde repete suas experiências.

Após ter sopesado todas estas circunstâncias, a comissão é de parecer que as comunicações transmitidas à Academia a respeito da Srta. Angélique Cottin devem ser consideradas como não acontecidas".

O relatório é assinado por Arago, Becquerel, Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, Babinet, Rayer, Paríset².

Isto é, acreditamos, o primeiro documento redigido por uma comissão científica em que são apresentadas conclusões do seu inquérito sobre um médium de efeitos físicos.

Fenômenos muito semelhantes aos de Angélique Cottin são atribuídos a Adolfina Benoit, o Dr. Dolleans em Guillonville, em 1849, que foi exorcizada com êxito³, e a Honório Seguin, em 1857.

Infelizmente, estas personagens não foram submetidas a nenhuma investigação séria.

Fonte: Os grandes médiuns. Amadou, Robert.

² *Compte rendu de l'Academie des Sciences*, sessão de 9 de março de 1846.

Em 1855, J.-E. De Mirville resume as críticas suscitadas pela publicação do relatório da Academia e sua argumentação pessoal, favorável a Angélique, baseia-se sobretudo no fato de que os fenômenos atribuídos à jovem são atualmente produzidos comumente pelos médiuns espíritas! Cfr. *Questions àes Esprits*, Paris, Delaro que, 1855, págs. 108 ss

³ Cfr, um histórico "pitoresco" em *Le Constitucionel*, de 5 de março de 1849.